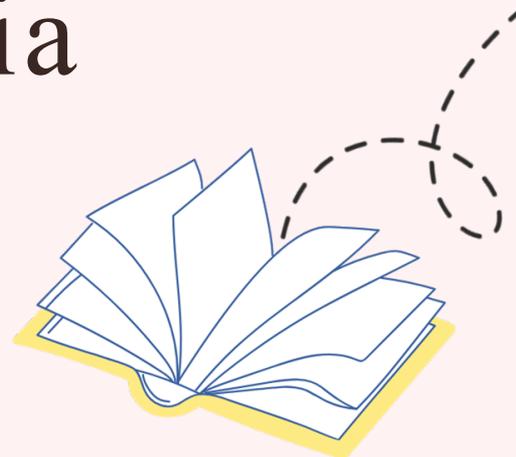


Série reencontro com Paulo Freire

Semeando a pedagogia da autonomia

ProPet Biofronteiras



Série Reencontro com Paulo Freire - Semeando a Pedagogia da Autonomia © 2022 by Jessyca Rodrigues Silva, Clara Corrêa de Souza Gavazza, Brenda Krishna de Andrade Miranda, Vivian Alves Teixeira, Stephanie Bittencourt de Carvalho Souza, Pâmella Cristina Motta Nery de Andrade, Helena de Souza Pereira is licensed under CC BY-NC-ND 4.0. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Apresentação

O ebook que apresentamos a você é o resultado do trabalho que desenvolvemos no Grupo de Estudos Paulo Freire organizado pelo ProPET Biofronteiras em parceria com o NuPEDEN (Núcleo de Pesquisa, Ensino, Divulgação e Extensão em Neurociências) da Universidade Federal Fluminense.

Esse projeto é apoiado pelas Pró-reitorias de Graduação e de Extensão da Universidade que propiciam o desenvolvimento de estudantes de graduação, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão que contribuem para a sua formação acadêmica.

A partir de encontros voltados para a leitura e reflexão sobre a obra desse grande mestre, surgiu a necessidade de compartilhar um pouco do pensamento do autor de forma clara e acessível.



PROGRAD PRÓ-REITORIA DE
GRADUAÇÃO



PROEX PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO

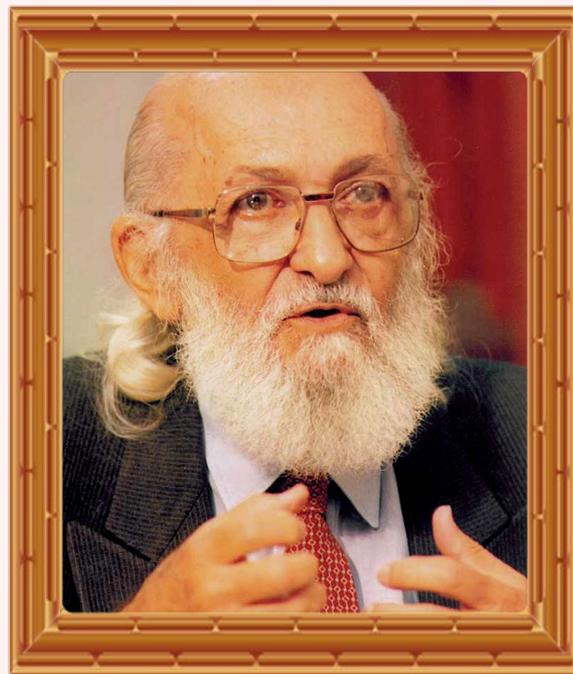


O menino que lia o mundo..

Paulo Reglus Neves Freire, nasceu no Recife, no Estado de Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. A sua missão de educador teve início com a alfabetização de adultos e só se tornou conhecido em 1963 por meio de campanhas publicitárias promovidas pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte.

Paulo Freire foi nomeado Patrono da Educação Brasileira através da Lei n.12.612/2012 como reconhecimento da sua contribuição para a educação no Brasil e no mundo.

Esse é o terceiro de uma série de ebooks e esperamos que você aproveite a leitura e reflita sobre esse autor que desafiou e continua desafiando o pensamento e a prática de educadores em todo o mundo!



<http://acervo.paulofreire.org>

Como o livro está organizado?

O livro foi organizado respeitando a sequência de disposição do livro “Pedagogia da Autonomia” que possui 3 capítulos divididos em 9 subitens.

Cada capítulo foi concebido por uma ou mais integrantes do grupo de estudos. Posteriormente, o livro foi revisado e amplamente discutido por todo o grupo, se caracterizando como uma construção coletiva.



As citações diretas do autor estão destacadas entre aspas.

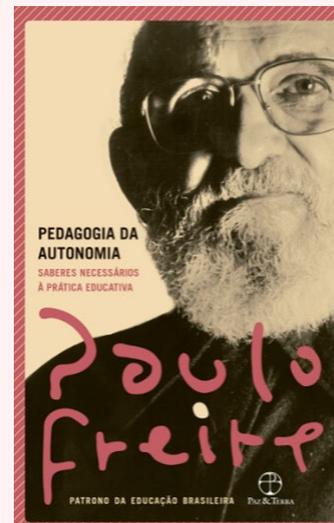
Adicionamos esquemas e ilustrações ao longo do livro de modo a resumir e proporcionar uma experiência agradável durante a leitura.

Prefácio

“As idéias retomadas nesta obra resgatam de forma atualizada, leve, criativa, provocativa, corajosa e esperançosa, questões que no dia a dia do professor continuam a instigar o conflito e o debate entre os educadores e as educadoras.” (página 7)

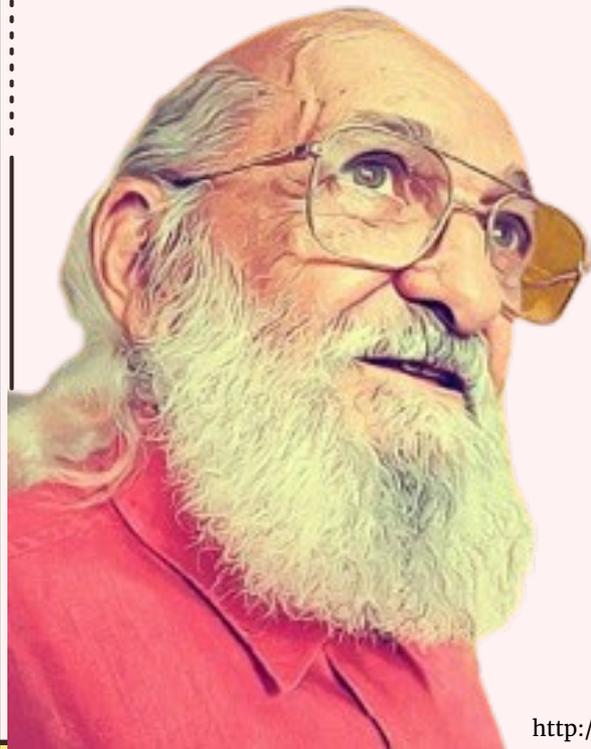
Escrito por Edina Castro de Oliveira, o prefácio de pedagogia da autonomia se inicia com a professora mencionando que, apesar de considerar um desafio, foi movida por uma das exigências da ação educativo-crítica defendidas por Paulo Freire: a de testemunhar a própria disponibilidade à vida e os seus chamamentos.

Durante sua escrita, Edina conta um pouco de sua história e menciona seu marido, Admardo Serafim de Oliveira, junto ao qual deu início seus estudos sobre Paulo Freire e cultivou muitos dos saberes necessários à prática educativa transformadora.



<https://www.record.com.br/editoras/paz-terra/>

Prefácio



“Freire, como homem de seu tempo, traduz, no modo lúcido e peculiar, aquilo que os estudos das ciências da educação vêm apontando nos últimos anos: a ampliação e a diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o “saber-fazer é o saber-ser-pedagógicos.” (página 7)

Pedagogia da autonomia: uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. Demanda um exercício permanente do educador e evidencia que a competência técnico científica e o rigor (de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho) não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas.

Prefácio

Edina pontua o aviamento e desvalorização do trabalho do professor em todos os níveis, ressaltando que a pedagogia da autonomia apresenta aos seus leitores elementos constitutivos da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana. Reforça a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, como uma das formas de luta capazes de promover e instaurar a “ética universal do ser humano”, assim como a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização.



“Finalmente, impossível não ressaltar a beleza produzida e traduzida nesta obra. A sensibilidade com que Freire problematiza e toca o educador aponta para a dimensão estética de sua prática que, por isso mesmo pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber-da-competência.” (página 8)

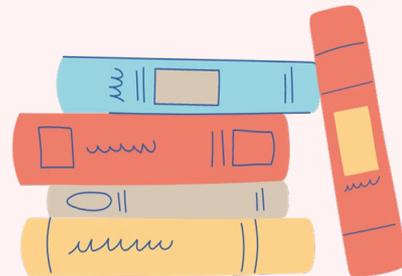
Primeiras palavras

“A questão da formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressiva em favor da autonomia do ser dos educandos é a temática central em torno de que gira este texto.” (página 8)

Neste primeiro momento, Paulo Freire esclarece que apesar de abordar aspectos e problemas discutidos em outras de suas obras, a retomada temática não é pura repetição do que já foi dito, ou seja, apresenta como relação a relevância que o tema de que se fala tem no conjunto de objetos a que direciona sua curiosidade além da sua relação com outras que vêm emergindo no desenvolvimento de sua reflexão.

Exemplo de temas recorrentes em suas obras:

- A questão da inconclusão do ser humano;
- A curiosidade ingênua e a crítica virando epistemológica;
- Reinsistência em dizer que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas.



Primeiras palavras



**“O meu ponto de vista é o dos
“condenados da Terra”, o dos
excluídos.” (página 9)**

Freire enfatiza seu desinteresse em assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos.

“O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.” (página 9)

Um ponto importante dentro do livro é a ênfase com relação a necessidade de uma responsabilidade ética no exercício da tarefa docente, sendo esta a ética universal do ser humano.

“Ética universal do ser humano: (...) que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, falsear a verdade, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente (...).” (página 9)

Primeiras palavras

Apesar de tal fala, Freire se preocupa em reforçar que nega aceitar ações terroristas, pois que delas resultam a morte de inocentes e a insegurança de seres humanos. O terrorismo nega o que vem chamando de ética universal do ser humano.

“Ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana.” (página 11)

De acordo com a sua pedagogia há a necessidade de se reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo. Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos.



Primeiras palavras

“Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã. (...) o futuro é um dado dado – dirão que ele é mais um devaneio de sonhador inveterado.” (página 11)

Dando fim às suas primeiras palavras, Freire diz lamentar quem acredita que suas falas são puro devaneio e aponta a relação deste pensamento com a ideologia fatalista que anima o discurso neoliberal do mundo. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada.



“O livro com que volto aos leitores é um decisivo não a esta ideologia que nos nega e amesquinha como gente. De uma coisa, qualquer texto necessita: que o leitor ou a leitora a ele se entregue de forma crítica, crescentemente curiosa.” (página 12)

Capítulo 1. Prática docente: primeira reflexão

Não há docência sem discência

O capítulo 1 começa com Freire afirmando que, embora seja de seu interesse central considerar no livro saberes que lhe parecem indispensáveis à prática docente de educadoras ou educadores críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores. São saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador, e cabe ao leitor ter esta percepção.

1º saber indispensável: É preciso que o formando, desde o início de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que **“ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”** (página 13)



Capítulo 1

Não há docência sem discência

Desde o começo do processo de formação do educador, vai se tornando cada vez mais evidente que quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Não existe o ensinar sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.



“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.” (página 13)

Capítulo 1

Não há docência sem discência

“O processo de aprender pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-la mais e mais criador. (...) Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.” (página 14)



“A criação do termo curiosidade epistemológica traduz, em síntese, o entendimento de Paulo Freire acerca da necessária postura para que o ato de conhecer se efetive numa perspectiva crítica. A curiosidade epistemológica não é qualquer curiosidade, mas é a que está ligada ao difícil, mas prazeroso, ato de estudar.” (Dicionário Paulo Freire, 2010)



Capítulo 1



Não há docência sem discência

“O necessário é que, apesar de subordinado à prática “bancária” “o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. (página 14)

“Os pressupostos da educação bancária se assentam na narração alienada e alienante. Ou seja, há a perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, bem-comportada, compartimentada, para a visão de um sujeito acabado, concluso.”
(Dicionário Paulo Freire, 2010)

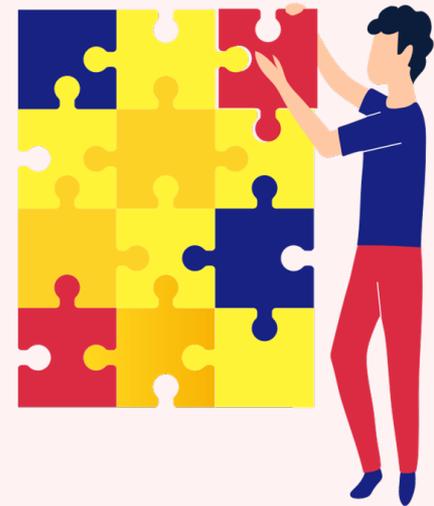
É a força criadora do aprender, ou seja, presença da dúvida rebelde e a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar.

Capítulo 1

Ensinar exige rigorosidade metódica

“O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. (...) ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.” (página 14)

Deste modo, a pedagogia proposta pelo autor exige a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.



Capítulo 1

Ensinar exige rigorosidade metódica

Faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo e **“uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas.”** (página 16)



O pensar certo, rigorosamente ético e gerador de boniteza, aparece como inconciliável com a desvergonha da arrogância de quem se acha cheia ou cheio de si mesmo. O professor que pensa certo entende que o nosso conhecimento do mundo tem historicidade, ou seja, **“ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã.** (página 16). Tão fundamental quanto conhecer o conhecimento existente é saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Capítulo 1

Ensinar exige pesquisa

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...) Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”
(página 16)

A curiosidade ingênua, apesar de resultar um certo saber, é a que caracteriza o senso comum. É o saber de pura experiência feito.



Capítulo 1

Ensinar exige pesquisa

Do ponto de vista do professor, o pensar certo implica tanto no respeito ao senso comum, no processo de sua necessária superação, quanto no respeito e estímulo à capacidade criadora do educando. Requer o compromisso do educador com a consciência crítica do educando uma vez que a transição da ingenuidade à criticidade não se faz automaticamente.

“O que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. É parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa ” (página 16)

Se faz necessário que, durante sua permanente formação, o educador se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.



Capítulo 1

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos

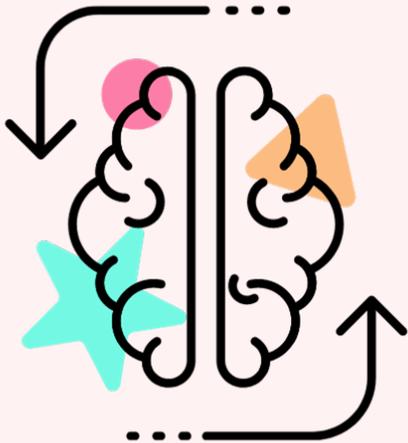
O pensar certo coloca, não somente ao professor como também à escola, o dever de respeitar os saberes socialmente construídos com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, como também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes e sua relação com o ensino dos conteúdos.

Neste momento, Freire evidencia questionamentos importantes com relação a realidade dos alunos, principalmente aqueles de classes populares e o conteúdo abordado nas escolas. **“Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos?”** (página 17)

“Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?” (página 17)

Capítulo 1

Ensinar exige criticidade



“Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação.” (página 17)

A superação (e não a ruptura) se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, se critica e torna-se então curiosidade epistemológica.

Capítulo 1

Ensinar exige criticidade

Sob os olhos do autor: **“não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.”** (página 18)



Uma das tarefas essenciais da prática educativo progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica com a qual podemos nos defender de “irracionalismos” produzidos pelo excesso de “racionalidade” de um período altamente tecnologizado. Paulo Freire deixa claro neste capítulo que, ao mencionar sobre as tecnologias e seus avanços, o faz sob uma forma criticamente curiosa, apontando que não as diviniza ou diaboliza.

Capítulo 1

Ensinar exige estética e ética

“Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.” (página 18)

A prática educativa capaz de transformar a curiosidade em criticidade não deve ser realizada sem a formação moral do educando, que compreende questões éticas e estéticas, que são ligadas a decência e pureza no pensar.

A ética e coerência, que tornam a prática um ato de boniteza, são necessárias, pois o exercício educativo possui caráter formador, considerando que todos são seres histórico-sociais e somos capazes de tomar decisões. Segundo Freire, “Só somos porque estamos sendo”



Capítulo 1

Ensinar exige estética e ética



A experiência educativa não deve ser reduzida ao puro treinamento técnico pois afastar-se da natureza do ser humano e da ética pode ser considerado como uma transgressão. O pensar certo necessita de profundidade e questionamento, contrário a divinização ou diabolização da tecnologia ou ciências, significando uma constante construção do sujeito. O pensar certo tange a coerência nas mudanças, uma vez que ao mudar é necessário que se assuma a transformação em todos os aspectos, sem fingimentos.



Capítulo 1

Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo

Retomando o pensamento voltado à coerência das mudanças que edificam o pensar certo, é necessário que este pensar seja corporificado, ou seja, testemunhado na prática do educando. Freire defende que pensar certo é fazer certo.

“O professor que realmente ensina nega a famosa frase “faça o que mando e não o que eu faço”. Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal, não é possível existir essa desvinculação entre o que se fala e se faz. Não é possível ao professor pensar que pensa certo mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se “sabe com quem está falando”, pensar certo não envolve esta superioridade.” (página 19)



Capítulo 1

Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo

O pensar certo está profundamente relacionado com a argumentação e, possuindo como uma de suas bases a moralidade ética, também exercita a generosidade e tolerância. Reconhece na discordância uma possibilidade de aprendizado, sem acúmulo de raiva ou rancor, entretanto sabe reconhecer o direito a raiva enraizada na indignação (muitas vezes necessária ao questionamento), distinguindo-a da raivosidade desmedida, que por muitas vezes supera a razão.



Capítulo 1

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação



- 💡 Ensinar de forma dialógica é um processo multifatorial que antes de tudo, considera o respeito e a tolerância, reconhecendo o sujeito como um ser histórico e social que se constitui e questiona. Freire discute que nenhum questionamento ou curiosidade epistemológica se mantém sem a aceitação do novo e do risco de se expor, de ser, de pensar e de corporificar seu pensamento a partir da ação, tanto pelo educando como pelo educador.

Entretanto, isso não significa esquecer do velho, pois o que é velho mas significativo, que deixa sua marca no tempo, sempre se mantém novo.

Capítulo 1

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação



O pensar certo, fazendo parte da construção do sujeito, se faz uma ação coparticipada entre outros sujeitos, que necessita da tolerância e reconhecimento, se opondo a qualquer prática discriminatória e preconceituosa. Negar direitos e a história de um grupo vai contra a democracia e o próprio entendimento ou inteligência que permeia o pensar certo, transformando-o em um processo excludente e transferível, tal qual o pensamento que guia a educação bancária.

“Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação - A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (página 19)

Capítulo 1

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação



O pensar certo é dialógico, cabendo ao educador a prática de entender, ou seja, estimular uma compreensão crítica do educando sobre o que é comunicado e a quem se comunica.

“O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.”
(página 21)



Capítulo 1

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática

Freire dialoga que o pensar certo é considerado indissociável da prática, pois é a partir dela que ocorre a articulação sobre o pensar e o fazer.

Entretanto, assumir o pensar certo como uma diretriz “pronta” e assentá-lo na prática não é suficiente, uma vez que a prática exige a reflexão crítica do que é realizado, constituindo um movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer.



Capítulo 1

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática

Segundo o autor, o pensamento espontâneo sobre a prática sem uma cuidadosa reflexão gera o saber ingênuo, que apesar de advir da curiosidade necessária ao pensamento crítico, pode ser considerada como um estado primário da curiosidade epistemológica necessária ao educador, que necessita de rigorosidade metódica.



“Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar.”(página 21)



Capítulo 1

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática

Além disso, o fator emocional deve ser incorporado à reflexão sobre a prática, pois assumir ser e exercitar a percepção sobre o que se está sendo desencadeia emoções que contribuem para a capacidade de mudar, algumas vezes causando rupturas. A indignação e a “raiva justa”, classificada por Freire, são emoções que devem ser reconhecidas como instrumento de mudança, uma vez que protestam contra as injustiças e desigualdades.

A reflexão também é importante nesse sentido, a fim de não transformar a raiva justa em raivosidade desmedida, que não é crítica e busca apenas a odiosidade.



Capítulo 1

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

Encerrando o capítulo, Freire discorre sobre a importância da assunção no processo educativo. Significando o verbo, o autor reforça a necessidade de nos assumirmos como sujeitos subjetivos, com o potencial de participarmos e transformarmos a história através de nossas vivências.



“(...) Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir Se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.” (página 22)

Capítulo 1

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

Freire relembra com carinho das experiências pessoais com os professores enquanto aluno, destacando como gestos gentis repletos de sensibilidade nas experiências informais são significativos na trajetória de alunos e professores, florescendo sentimentos imutáveis nas memórias que permanecem através dos tempos e reforçam o caráter socializante da escola.



“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente.”(página 23)



Capítulo 1

Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

Como contraponto, Freire dialoga sobre a desvalorização dessas experiências impulsionada pela concepção bancária da educação, que reflete o descaso contido no sucateamento da estrutura escolar.



Nesse sentido, a assunção de nós mesmos como seres sentimentais e sensíveis torna-se então fundamental para que recuperemos a boniteza há tanto perdida no ato de educar, trazendo coragem que constrói a criticidade e valorização da formação docente.



Capítulo 2. Ensinar não é transferir conhecimento

Tudo o que foi dito até agora são apenas desdobramentos de um saber fundamental para a prática pedagógica progressista:

“Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Mas para aplicar esse saber é necessário que aconteça uma autorreflexão constante sobre a prática.

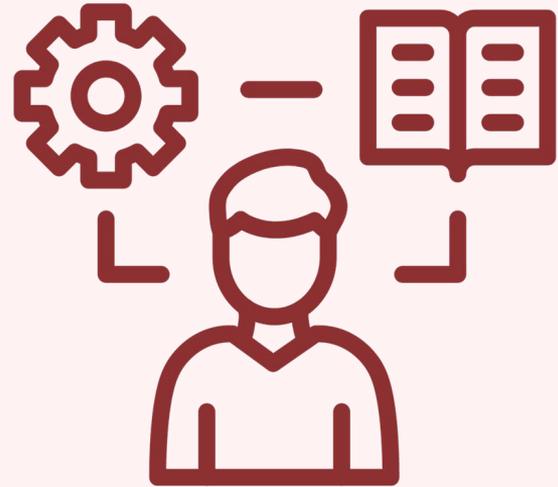
Capítulo 2

Ensinar não é transmitir conhecimento

Esse saber não pode ficar apenas no campo das ideias, tem que ser aplicada a prática. Caso contrário, as contradições tornam as ações inautênticas.

A práxis é fundamental.

Devemos ser a encarnação daquilo que discursamos ou seremos aquilo que criticamos.



Capítulo 2

Ensinar não é transmitir conhecimento

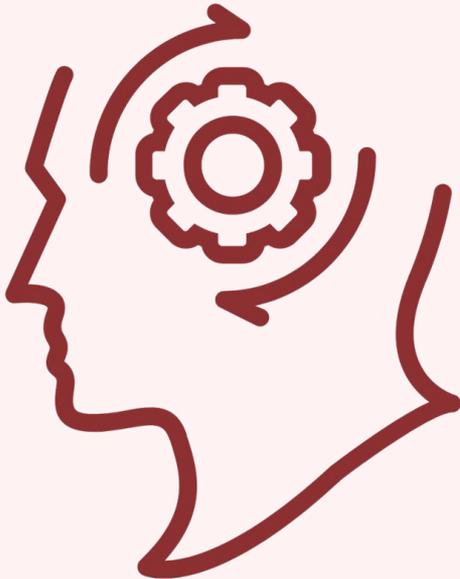
Saber que ensinar não é transferir
conhecimento é fundamental
ao pensar certo 

Pensar certo é difícil e requer vigilância
constante sobre nós mesmos, sem essa
rigorosidade não há pensar certo.



Capítulo 2

Ensinar exige consciência do inacabamento



O educador precisa estar predisposto à mudança

Nossas experiências não precisam, tampouco devem, se repetir. Devem apenas se ampliar com o passar do tempo ao transcender com tudo aquilo que vivemos.

Para que essa ampliação aconteça é preciso consciência do inacabamento do educador enquanto indivíduo sujeito a mudança perante aquilo ao seu redor.

Capítulo 2

Ensinar exige consciência do inacabamento

As mudanças surgem conforme experiências com aquilo que acontece ao nosso redor, isso é o **suporte**.



<https://www.canva.com>

‘O suporte é espaço, restrito ou alongado, a que o animal se prende “afetivamente” tanto quanto para resistir; é o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio’

Pedagogia da autonomia - p. 50

Capítulo 2

Ensinar exige consciência do inacabamento

O suporte está vulnerável à mudança por parte dos indivíduos, assim como os indivíduos estão dispostos a mudar pelo suporte.

Ao interferir no suporte, somos capazes de interferir em tudo ao nosso redor. Somos capazes de mudar o mundo.



Capítulo 2

Ensinar exige consciência do inacabamento



PRIDE!



O inacabamento não quer dizer que não podemos criar laços com aquilo que nos rodeia, mas que nada ficará para sempre da forma como está agora. Nesse contexto, beleza e feiura, bem e mal, decência e despudor são conceitos pessoais completamente mutáveis e por isso se dá a importância da prática formadora, para que essa plasticidade nunca transgrida a ética essencial para vivência entre mulheres e homens.

Capítulo 2

Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado

A partir da consciência do inacabamento conseguimos nos entender como sujeitos à mudanças e essas estão sujeitas ao condicionamento.

A nossa presença no mundo interfere na própria construção do mundo em que estamos, é impossível se ausentar dessa construção porque a própria ausência já muda o mundo.

Assim, assumimos o papel de sujeitos na história e não de meros objetos.

“Sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”
Freire

Capítulo 2

Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado

Nos entendendo como seres inacabados eternizamos o processo de aprendizagem e nos colocamos como sujeitos ativos e despertos para a influência que o aprendizado nos causa, nos tornamos programados para aprender



<https://www.canva.com>

Capítulo 2

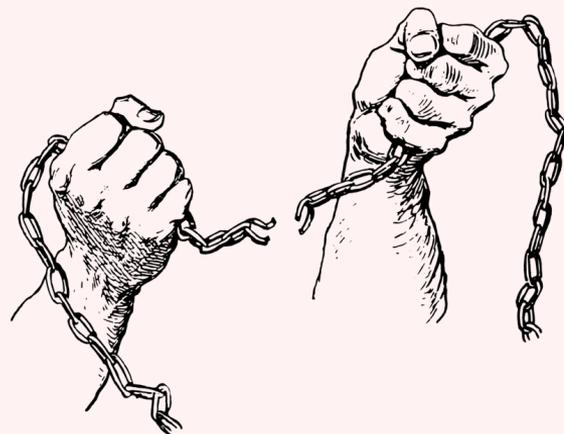
Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando

O inacabamento deve ser respeitado.

Não respeitar o processo formador do aprendizado é sufocar a autonomia do educando, esse respeito deve ser garantido pelo educador sem que exista a possibilidade do desvio ético.

Para Paulo, a discriminação deve ser combatida mesmo que se reconheça os condicionamentos que somos submetidos.

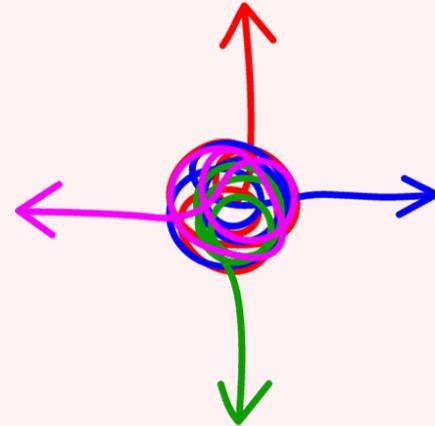
Deveremos respeitar e acreditar que a força do inacabamento é capaz de superar o condicionamento.



Capítulo 2

Ensinar exige bom-senso

Neste momento, Freire reflete sobre as “escolhas”, posturas e, conseqüentemente, contradições que recaem sobre o professor quanto às questões que surgem na sua relação com os educandos em sua prática docente.



“Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade.” (página 60)

Capítulo 2

Ensinar exige bom-senso



“É o meu bom-senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais e econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos.”
(página 62)

Para Freire, a condução de atitudes em sala de aula é guiada e baseada pelo bom-senso e pela ética. Com isso, é necessário que o bom-senso venha acompanhado da curiosidade, tornando-se um bom-senso crítico a frente das situações apresentadas.

Capítulo 2

Ensinar exige bom-senso

Além disso, a coerência também é uma virtude indispensável da prática pedagógica. Esta se caracteriza pelo esforço em diminuir a distância entre o discurso e a prática, exercendo o que sempre é pontuado pelo autor como práxis.



“Como, na verdade, posso eu continuar falando no respeito à dignidade do educando se o ironizo, se o discrimino, se o inibo com a minha arrogância? Como posso continuar falando em meu respeito ao educando se o testemunho que a ele dou é o da irresponsabilidade, o de quem não cumpre o seu dever, o de quem não se prepara ou se organiza para a sua prática, o de quem não luta por seus direitos e não protesta contra as injustiças? A prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética.”

Capítulo 2

Ensinar exige bom-senso

“O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.”

Ao final do subtópico, o autor reforça a importância e responsabilidade do professor evidenciando também a falta de respeito e a desvalorização da profissão.



(página 64-65)

“O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica.”

Capítulo 2

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores

“O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser.” (página 65)

Freire reforça a importância e o dever de lutar por condições básicas, justas e favoráveis para o exercício da docência.

“A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores.” (página 66)



Capítulo 2

Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores

O autor aproveita para ressaltar o lugar que a educação é colocada em nossa sociedade, retomando ao fatalismo.

“Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar.” (página 65)

Capítulo 2

Ensinar exige apreensão da realidade

Neste ponto, o autor retoma a conceitos anteriores, como o da educação bancária, por meio de exemplos que ilustram a realidade que nos inserimos a fim de debater a eficácia do modelo que é historicamente considerado como o correto e comum.

“A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mal aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador.”
(página 67)

“Especificamente humana, a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos.”
(página 68)

Capítulo 2

Ensinar exige apreensão da realidade

Assim como se dedica a debater sobre o ser professor e sua coerência.



“Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador.” (página 68)

“É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos.” (página 70)

Capítulo 2

Ensinar exige alegria e esperança

Neste subtópico, Freire reflete sobre o papel da esperança na vida do ser humano e nos desperta um questionamento ao longo do mesmo: Sem esperança, porque ser professor?



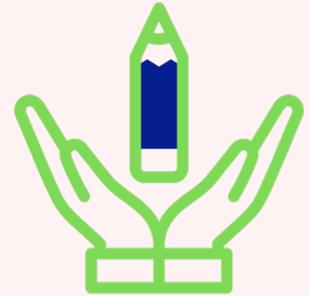
“Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa.” (página 71)

Capítulo 2

Ensinar exige alegria e esperança

Reforça também a ideia do fatalismo e que para mudança é necessário sermos seres históricos que escrevem a história e, com isso, podem mudá-la.

“Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser não haveria sequer por que ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema.”
(página 73)



Capítulo 2

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

Paulo Freire continua discutindo e reafirmando a importância da esperança. Diz que é preciso entender que “**é o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está.**” (página 74)*



Seguindo esse pensamento, Freire ressalta a importância de nos questionarmos sobre nossos estudos. Ele diz que o fato de estabelecermos “**Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?**”* é essencial para sermos capazes de intervir no mundo.

Capítulo 2

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

O autor coloca que “É a partir deste saber **fundamental** - *mudar é difícil, mas é possível* - que vamos programar nossa ação político-pedagógica”.* Além disso, faz-se necessário transformarmos nossa rebeldia de denúncia e vontade de mudar em algo prático, no que ele coloca como rebeldia revolucionária, para que assim consigamos a transformação.

*(página 77)



Capítulo 2

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

Neste subtópico, Freire também ressalta a importância do oprimido se entender como sujeito do processo e, como ele diz, “**‘expulsar’ o opressor de ‘dentro’ do oprimido, enquanto *sombra* invasora.**”



Capítulo 2

Ensinar exige curiosidade

Freire coloca a curiosidade como peça fundamental em uma sala de aula onde alunos e professores embarcam juntos nessas perguntas e respostas que surgem ao longo de uma aula.



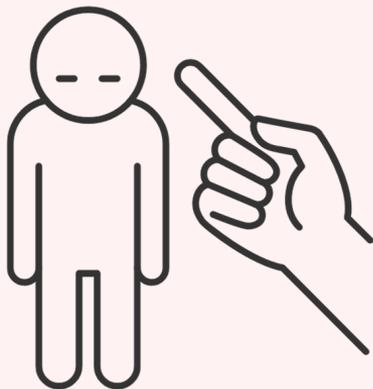
“Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.” (página 83)

Além disso, ressalta que ao silenciarmos a curiosidade de um outro estamos, automaticamente, silenciando a nossa também.

Com isso, ele se debruça sobre o fato de o professor precisar instigar a transformação da curiosidade espontânea em curiosidade epistemológica.

Capítulo 2

Ensinar exige curiosidade



Se debruça também sobre o impasse autoridade x liberdade. Para Freire, esse impasse não existe, pois ele diferencia autoridade de autoritarismo e liberdade de licenciosidade, ou seja, a liberdade não impede a autoridade e vice-versa.

“O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade.” (página 86)



Capítulo 3. Ensinar é uma especificidade humana

Neste capítulo Freire enfatiza que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança.

“É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se.”



Capítulo 3

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

Além da segurança, o autor destaca outras qualidades essenciais a autoridade docente:

Competência profissional

“O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Porém, a opção e a prática democrática do professor ou da professora não são necessariamente determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários. A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.”

Generosidade

“A generosidade é uma qualidade indispensável a autoridade em suas relações com as liberdades. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autêntica o caráter formador do espaço pedagógico.”

Capítulo 3

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

Freire enfatiza que a autoridade coerentemente democrática é fundada na certeza de que é fundamental a liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina.



“A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta. O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações.”

Capítulo 3

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

O autor destaca que a autoridade democrática não deve transformar a existência humana em um “calendário” escolar “tradicional”. Ao contrário, deve deixar claro mesmo quando se trata de um conteúdo programático, que o fundamental no aprendizado é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume.



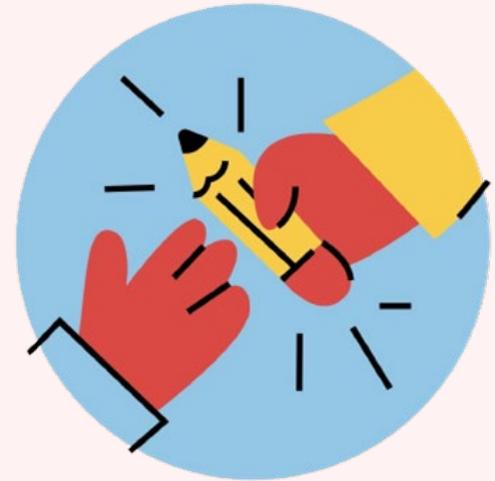
“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.”

Capítulo 3

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

O testemunho ético é uma exigência para a boniteza da prática docente.

“O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Nenhum destes termos pode ser mecanicamente separado, um do outro. Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos. “



Capítulo 3

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

Segundo o autor, não é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se o educador não supera a sua própria. O educador não pode ensinar o que não sabe!



“É concretamente respeitando o direito do aluno de indagar, de duvidar, de criticar que “falo” desses direitos. A minha pura fala sobre esses direitos a que não corresponda a sua concretização não tem sentido.”

Paulo também destaca que o respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre se os professores não são tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.

Capítulo 3

Ensinar exige comprometimento

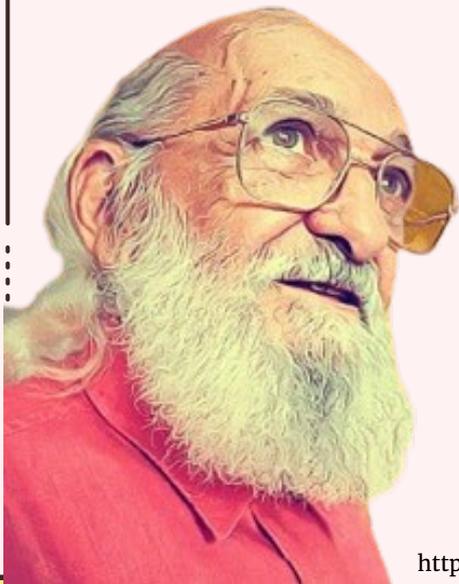
Paulo Freire também destaca que não é possível exercer a atividade do magistério sem se colocar diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância a sua maneira de ser e de pensar politicamente.



“E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.”

Capítulo 3

Ensinar exige comprometimento



“Se perguntado por um aluno sobre o que é “tomar distância epistemológica do objeto” lhe respondo que não sei, mas que posso vir a saber, isso não me dá a autoridade de quem conhece, me dá a alegria de, assumindo minha ignorância, não ter mentido. E não ter mentido abre para mim junto aos alunos um crédito que devo preservar. Eticamente impossível teria sido dar uma resposta falsa, um palavreado qualquer. Um chute, como se diz popularmente. Mas, de um lado, precisamente porque a prática docente, sobretudo como a entendo, me coloca a possibilidade que devo estimular de perguntas variadas, preciso me preparar ao máximo para, de outro, continuar sem mentir aos alunos, de outro, não ter de afirmar seguidamente que não sei.”

<http://acervo.paulofreire.org>

Capítulo 3

Ensinar exige comprometimento



O autor reforça a sua posição de professor democrático e progressista desde que não se permite uma prática reacionária, autoritária e elitista.

“Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como o aluno entende como atuo.”

Capítulo 3

Ensinar exige comprometimento

“Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”.

Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.”



Capítulo 3

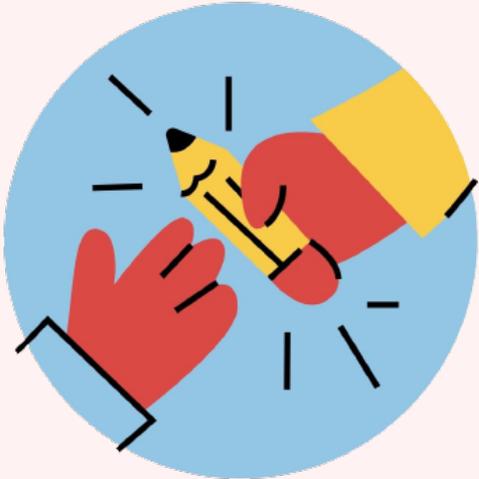
Ensinar exige comprometimento

Segundo Freire, a presença de professor é uma presença em si política. O docente deve revelar aos alunos a sua capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper.



Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo



Freire aborda nesse tópico que a educação é uma forma de intervenção no mundo. A educação como forma de intervenção no mundo ultrapassa a compreensão dos conteúdos e está relacionada ao esforço de reprodução da ideologia dominante e o seu desmascaramento.

A educação é ao mesmo tempo dialética e contraditória, reprodutora e desmascaradora da ideologia dominante. De forma alguma, a educação deve ser “neutra” e “indiferente” a qualquer destas hipóteses.

Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo



“Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades. Toda vez, porém, que a conjuntura o exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista “pela metade”.

As forças dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto quanto possível, realizados de maneira neutra.”

Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

O autor cita como exemplo esperar que a "bancada ruralista" aceite quieta e concordante a discussão, nas escolas rurais e urbanas, a reforma agrária como projeto econômico, político e ético da maior importância para o próprio desenvolvimento nacional.



“E é uma imoralidade, para mim, que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do mercado.”

Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Freire enfatiza a sua recusa aos fatalismos quietistas que acabam por escamotear as transgressões éticas ao invés de condená-las.



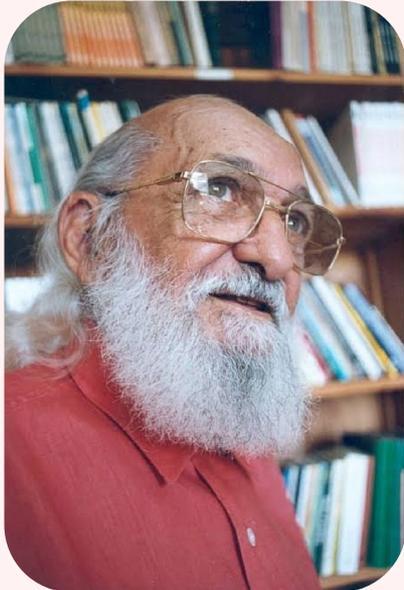
<https://www.canva.com>

“Não posso virar conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a “forças cegas” e imponderáveis os danos por elas causados aos seres humanos.

A fome frente a frente abastança e o desemprego no mundo são imoralidades e não fatalidades como o reacionarismo apregoa com ares de quem sofre por nada poder fazer.”

Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo



<http://acervo.paulofreire.org>

“Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo, que sua fome é uma fatalidade do fim do século. Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas.”

Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Um outro caso que Freire aponta são os empresários modernos que dificilmente concordariam com que seja direito de “seu” operário discutir durante o processo de sua alfabetização ou no desenvolvimento de algum curso de aperfeiçoamento técnico.



“Discutir, suponhamos, a afirmação: “O desemprego no mundo é uma fatalidade do fim deste século.” E por que fazer a reforma agrária não é também uma fatalidade? E por que acabar com a fome e com a miséria não são igualmente fatalidades de que não se pode fugir?”

“O empresário moderno aceita, estimula e patrocina o treino técnico de seu operário. O que ele necessariamente recusa é a sua formação que, envolvendo o saber técnico e científico indispensável, fala de sua presença no mundo. Presença humana, presença ética, aviltada toda vez que transformada em pura sombra.”

Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Freire também destaca o seu papel de professor que não deve ser neutra, desde que a prática exige uma definição e tomadas de posição.

“Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais.”



Capítulo 3

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

O autor chama a atenção para a coerência do professor, desde que tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a ética e a decência ao ensiná-los.



“Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos.... Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.”

Capítulo 3

exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo



“É importante que os alunos percebam o esforço que faz o professor ou a professora procurando sua coerência. É preciso também que este esforço seja de quando em vez discutido na classe.

Há situações em que a conduta da professora pode parecer aos alunos contraditória. Isto se dá quase sempre quando o professor simplesmente exerce sua autoridade na coordenação das atividades na classe e parece aos alunos que ele, o professor, exorbitou de seu poder. Às vezes, é o próprio professor que não está certo de ter realmente ultrapassado o limite de sua autoridade ou não.”

Capítulo 3

Ensinar exige liberdade e autoridade

Freire volta ao problema da tensão entre a autoridade e a liberdade.

Ele aponta que no nosso esforço de superar a tradição autoritária, nos direcionamos para formas licenciosas de comportamento e acabamos por descobrir autoritarismo onde na verdade se configurava um exercício legítimo da autoridade.



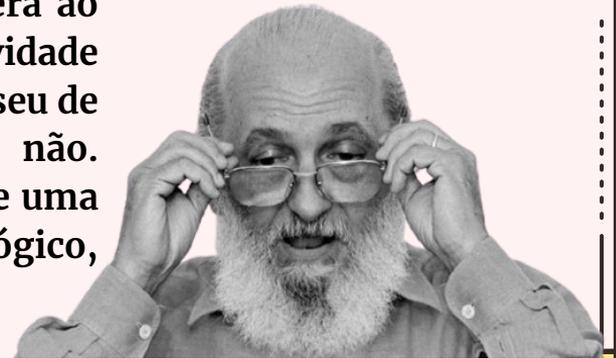
<https://www.canva.com>

Capítulo 3

Ensinar exige liberdade e autoridade

“Recentemente, jovem professor universitário, de opção democrática, comentava comigo o que lhe parecia ter sido um desvio seu no uso de sua autoridade. Disse, constrangido, ter se oposto a que aluno de outra classe continuasse na porta entreaberta de sua sala, a manter uma conversa gesticulada com uma das alunas.”

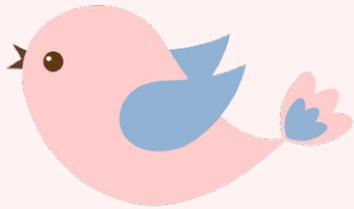
“Ele tivera inclusive que parar sua fala em face do descompasso que a situação provocava. Para ele, sua decisão, com que devolvera ao espaço pedagógico o necessário clima para continuar sua atividade específica e com a qual restaurara o direito dos estudantes e o seu de prosseguir a prática docente, fora autoritária. Na verdade, não. Licencioso teria sido se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento.”



Capítulo 3

Ensinar exige liberdade e autoridade

A liberdade para Freire não pode ser ilimitada, desde que para ele, a liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada.



“A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. É claro que, nem sempre, a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação a seu amanhã. É indispensável que os pais tornem parte das discussões com os filhos em torno desse amanhã. Não podem nem devem omitir-se, mas precisam saber e assumir que o futuro é de seus filhos e não seu. É preferível, para mim, reforçar o direito que tem a liberdade de decidir, mesmo correndo o risco de não acertar, a seguir a decisão dos pais. É decidindo que se aprende a decidir.”

Capítulo 3

Ensinar exige liberdade e autoridade

Freire ainda destaca que os autoritários consideram, amiúde, o respeito indispensável à liberdade como expressão de incorrigível espontaneísmo e os licenciosos descobrem autoritarismo em toda manifestação legítima da autoridade.



<https://www.canva.com>

“A posição mais difícil, indiscutivelmente correta, é a do democrata, coerente com seu sonho solidário e igualitário, para quem não é possível autoridade sem liberdade e esta sem aquela.”

Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

Nessa parte do capítulo 3, Paulo Freire retorna a questão da educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo.

Ele chama a atenção de que o conceito de intervenção não está sendo usado com restrição semântica.

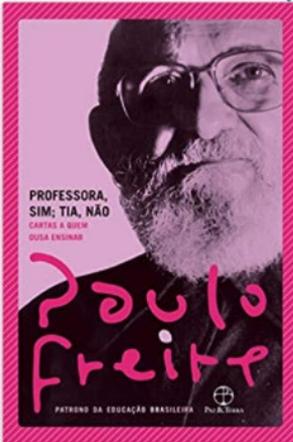
“Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta.”



Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

O autor também destaca que são raras as vezes que conseguimos perceber a incoerência agressiva que existe entre as nossas afirmações “progressistas” e o nosso estilo elitista de sermos intelectuais.



“E que dizer de educadores que se dizem progressistas mas de prática pedagógico-política eminentemente autoritária?”

Não é por outra razão que insisti tanto em Professora Sim, Tia Não, na necessidade de criarmos, em nossa prática docente, entre outras, a virtude da coerência. Não há nada talvez que desgaste mais um professor que se diz progressista do que sua prática racista, por exemplo.”

Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

Paulo Freire ainda destaca que existe mais coerência entre os intelectuais autoritários, de direita ou de esquerda e que dificilmente, um deles ou uma delas respeita e estimula a curiosidade crítica nos educandos. E que dificilmente contribuem para a constituição e a solidez da autonomia do ser do educando.

“De modo geral, teimam em depositar nos alunos apassivados a descrição do perfil dos conteúdos, em lugar de desafiá-los a apreender a substantividade dos mesmos, enquanto objetos gnosiológicos, somente como os aprendem.”



Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

“A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação. E é impossível, não porque professoras e professores “baderneiros” e “subversivos” o determinem. A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política.”

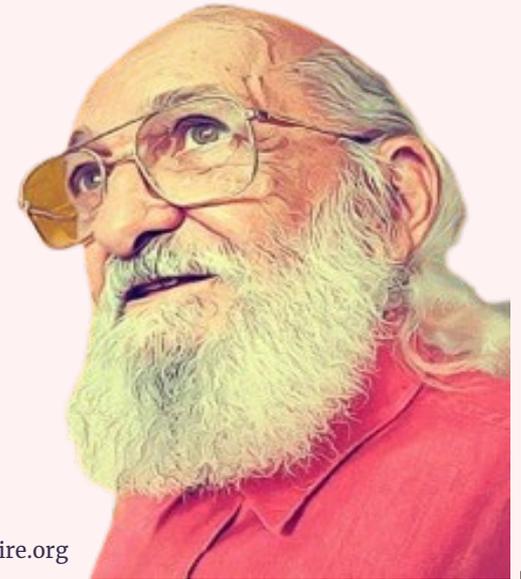
A educação como prática diretiva, como ação especificamente humana, de “endereçar-se” até sonhos, ideais, utopias e objetivos, é o que Paulo Freire chama de “politicidade da educação”.



Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

“A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão. Um ser ligado a interesses e em relação aos quais tanto pode manter-se fiel à eticidade quanto pode transgredi-la. É exatamente porque nos tornamos éticos que se criou para nós a probabilidade, como afirmei antes, de violar a ética.”



Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

“Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados.”



No caso do Brasil, por exemplo, seria preciso que não houvesse nenhuma divergência em face da fome e da miséria no País e no mundo. Seria necessário que aceitássemos a fome e a miséria como uma fatalidade do fim do século.

Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões



“O que devo pretender não é a neutralidade da educação mas o respeito, a toda prova, aos educandos, aos educadores e às educadoras.

O respeito aos educadores e educadoras por parte da administração pública ou privada das escolas; o respeito aos educandos assumido e praticado pelos educadores não importa de que escola, particular ou pública.”

Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

“Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.

Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e de descaso?”



Capítulo 3

Ensinar exige tomada consciente de decisões

Paulo Freire defende que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, nem tampouco é a perpetuação do "status quo" porque o dominante o decreta.



“O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.”

Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

“ Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com* ele, mesmo que, em certas condições, precise falar *a* ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala *com* ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele.”

Aqui, o autor destaca a importância da escuta para que exista de fato dialogicidade na relação educador-educando.

A prática da escuta crítica possibilita, mesmo que com posições contrárias, que a comunicação se estabeleça e oportuniza a reflexão e a busca de novas alternativas possíveis.



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

Freire constata que os fatalismos causados por processos como a globalização geram uma ideia determinista da história, e que essa suposta imobilização da realidade, mesmo que num contexto dito como democrático, causa o que ele chama de “burocratização da mente”. Dessa forma se estabelecem os conformismos e a ideia de que as situações de opressão vividas são imutáveis.

E é daí que parte a falta da escuta e da plena comunicação.

Se já está tudo dado, por que ouvir o outro?



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

A negação do poder de decisão humana diante dos fatos constitui a forma autoritária comumente estabelecida na relação educador-educandos na sala de aula. Assim, principalmente quando considerados os processos avaliativos, ocorre o que o autor denomina de “discursos verticais”, onde se fala “de cima para baixo”.

Freire não se coloca contra a avaliação, mas defende que a mesma sirva “... enquanto instrumento do quefazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o *falar a* como caminho do *falar com*.”



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

Sendo assim, o autor enfatiza que, na perspectiva de uma educação libertadora, ambos os agentes (educador-educando) devem ter o direito de falar e de saber escutar, para que sejam de fato sujeitos do processo pedagógico. E aqui ele demonstra alguns indicadores do 'saber escutar':

“O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer... É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.”



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar



“É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela. Para ele, quem escuta sequer tem tempo próprio, pois o tempo de quem escuta é o seu, o tempo de sua fala. Sua fala, por isso mesmo, se dá num espaço silenciado e não num espaço com ou em silêncio. Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é ‘cortado’ pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala.”



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

“A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental”.

Segundo o autor, para que haja comunicação plena entre os sujeitos, é necessário reconhecer a necessidade e importância do silêncio. Já que quem escuta, enquanto escuta, permanece em silêncio, e quem fala, para escutar o outro, deve silenciar. Nesse sentido, no respeito do tempo e do que o outro tem a dizer, ninguém é silenciado, mas ambos são escutados e suas falas tem relevância.



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar



E por que é tão importante que a comunicação seja plena ?

Segundo Freire: “**Não há inteligência da realidade sem a possibilidade de ser comunicada.**” Deste modo, para compreender o mundo precisamos conseguir comunicar. É a partir da comunicação que consigo desenvolver o conhecimento do objeto em questão. E seguindo a linha da educação dialógica, o ensinar do educador não deve seguir um processo de descrever o que ele mesmo entende da realidade, mas sim, através do saber falar e escutar, deve proporcionar meios para que o educando produza sua compreensão própria do mundo.

“... ensinar não pe transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar *com* ele.”



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

Para o autor, são necessárias algumas qualidades e virtudes para desenvolver a escuta legítima, sendo elas:

- amorosidade
- abertura ao novo
- gosto da alegria e da vida
- respeito aos outros
- disponibilidade à mudança
- identificação com a esperança
- tolerância
- persistência na luta
- abertura à justiça
- humildade
- recusa aos fatalismos



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

Dentre as qualidades citadas, o autor destaca uma em especial: o respeito à diferença!

“Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não pode se dar... Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso escutá-lo ou escutá-la... Se a estrutura do meu pensamento é a única certa, irrepreensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha.”



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

Segundo Freire, essa humildade é o que permite respeitar a leitura de mundo do educando, que deve ser “... o ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção de conhecimento.”

Dessa forma, o autor enfatiza que respeitar essa leitura não é necessariamente concordar com ela, e que “... o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.”

Para respeitar e aceitar a diferença é preciso humildade!



Capítulo 3

Ensinar exige saber escutar

“A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo.”

“Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno.”

“Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento.”



Capítulo 3

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

“ O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra mas não o divisamos bem. A própria “miopia” que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mais nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida”

A metáfora com a qual Freire inicia essa parte diz respeito ao poder de influência que uma ideologia pode ter sobre nossa leitura de mundo. Logo após, traz o exemplo da ideologia neoliberal e sua força capaz de “amaciar” a sociedade para a aceitação do discurso, como ele diz, cínico, dos fatalismos diante do sistema econômico vigente, o que reflete assim na construção dos projetos políticos pedagógicos, uma aparente necessidade de aplicação de uma pedagogia pragmática e formação puramente técnico-científica do educando.



Capítulo 3

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

Considerando a ideologia citada, o autor discorre sobre quais as principais problemáticas do sistema que a rege e como a globalização econômica e civilizatória incide de forma tão desigual sobre os direitos e deveres dos sujeitos de diferentes territórios e classes sociais. Contestando a dominância desse sistema capitalista e demonstrando o quão cruel ela pode ser, Freire aponta o sistema neoliberal globalizante como “o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca”.



“Pega-se o trem no meio do caminho e não se discutem as condições anteriores e atuais das diferentes economias. Nivelam-se os patamares de deveres entre as distintas economias sem se considerarem as distâncias que separam os “direitos” dos fortes e o seu poder de usufruí-los e a fraqueza dos débeis para exercer os seus direitos.”

Capítulo 3

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

“Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforça por nos fazer entender a globalização, e não como uma produção histórica.”

Esse esforço para naturalizar essa lógica, segundo Freire, baseia-se numa ética de mercado, na qual o lucro está acima da vida, que deve ser combatida por todos aqueles, homens e mulheres progressistas, comprometidos com uma sociedade verdadeiramente democrática formada por sujeitos de direitos, fundamentada na ética universal do ser humano.



Capítulo 3

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

Convencido da concretização de uma insurgência popular composta por “... **palavra crítica, discurso humanista, compromisso solidário, denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo genteficado...**” em face à maldade neoliberal, o autor cita Marx e Engels e reforça o chamado de união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação.



“Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos, submetidos à fereza da ética do mercado.”

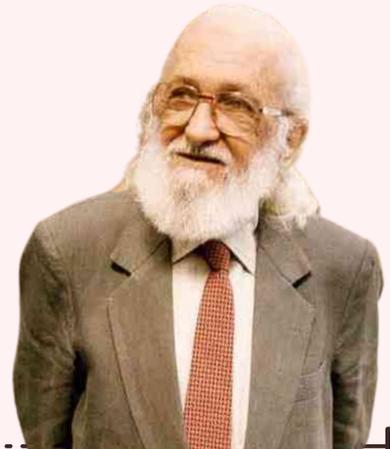
“A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. A liberdade do comércio sem limite é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra os direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver.”

Capítulo 3

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

Seguindo a lógica da ética universal do ser humano, Freire defende que os avanços científicos e tecnológicos devem servir ao bem-estar e aos interesses fundamentalmente humanos, sendo o contrário uma transgressão dessa ética. E essa defesa não é feita de forma ingênua e utópica, e sim de uma forma criticamente radical, como ele considera a seguir:

“Gostaria de deixar bem claro que não apenas imagino, mas sei o quão difícil é a aplicação de uma política do desenvolvimento humano que, assim, privilegie fundamentalmente o homem e a mulher e não apenas o lucro. Mas sei também que, se pretendemos realmente superar a crise em que nos achamos, o caminho ético se impõe. Se, de um lado, não pode haver desenvolvimento sem lucro, este não pode ser, por outro, o objetivo do desenvolvimento, de que o fim último seria o gozo imoral do investidor.”



Capítulo 3

Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

Dito tudo isso, o autor aponta que uma das características dessa ideologia imobilizante e castradora é proclamar a “morte das ideologias”, pregando, de forma altamente contraditória, a necessidade de imparcialidade e neutralidade de discurso.

Ao que Freire atenta: “Na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias, mas é possível que não perceba a natureza ideológica do discurso que fala de sua morte. No fundo, a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível.”

E é justamente o reconhecimento de que esse discurso tem dominância na prática educativa que os educadores críticos e progressistas devem ter, para assim se colocarem disponíveis a combatê-lo.



Capítulo 3

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

“É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.”

Nessa parte do livro, Freire discute sobre a importância da disponibilidade ao conhecimento, e como a segurança e convicção de um professor residem na humildade do não saber ou da possibilidade do saber mais. É a partir do reconhecimento de que ninguém sabe e nem pode saber de tudo, que se faz possível a abertura à realidade e ao diálogo, aqui retomando a ideia do ser inconcluso.



“Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios são saberes necessários à prática educativa.”



Capítulo 3

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

É a partir dessa disponibilidade à abertura e da consciência de que somos seres inacabados que se torna possível viabilizar o diálogo, segundo o autor.

“O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.”



Capítulo 3

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Freire segue dizendo que, para que a relação educador-educando seja de fato dialógica, é preciso que se diminua a distância entre suas realidades. Se faz necessário que o educador primeiro conheça a realidade fora dos muros da escola e o contexto sócio-econômico que se encontram seus alunos. A partir disso, sua conduta, segundo o autor, deve ser a de atuar pela mudança radical das situações de exploração a que muitos dos educandos e suas famílias estão sujeitos.

“Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender, não importa que saber, o do torneiro ou do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas a sua imobilização.”



Capítulo 3

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Nesse ponto o autor destaca a importância de aliar a ética política com os saberes técnicos, já que é justamente essa associação de saberes que possibilita o enfrentamento aos ataques concretos dos poderes dominantes de exploração, como por exemplo a mídia de massa:



“De uma notícia sobre Miss Brasil se passa a um terremoto na China; de um escândalo envolvendo mais um banco dilapidado por diretores inescrupulosos temos cenas de um trem que descarrilou em Zurique. O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido.”

Sem tempo para reflexão...

Capítulo 3

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Sendo assim, é fundamental que o educador comprometido com uma educação libertadora, esteja atento e disponível ao diálogo com os contextos que o cercam e cercam seus alunos.

Além disso, Freire fala sobre a importância de perceber e reconhecer que os meios de comunicação, como a televisão, não são neutros, e por isso **“na verdade toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido.”**



Capítulo 3

Ensinar exige querer bem aos educandos

Neste subcapítulo, que encerra o livro, Paulo Freire fala sobre afetividade. De forma clara e sensível, demonstra que a relação educador-educandos não precisa ser dura e rígida para ser levada com seriedade.



Como ele destaca no trecho: “... preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos... A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.”

Capítulo 3

Ensinar exige querer bem aos educandos

Segundo ele, a afetividade só não pode ultrapassar valores éticos e eleger favoritos ou desfavorecidos por um bem-querer maior ou melhor, mas que seja disponível a criar laços de afeto com todos sem que isso interfira em sua avaliação.

A prática ética do bem querer é o reflexo da conduta de alegria que inspira o trabalho docente, e de como ela cerca o processo de busca do conhecimento.

“E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria... é digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria, sem a qual a prática educativa perde o sentido.”



Capítulo 3

Ensinar exige querer bem aos educandos



Apesar de toda desvalorização da educação nacional e do magistério, que se arrasta desde aquela época e só vem se agravando nos dias de hoje, é possível perceber o amor que os professores, num geral, tem por sua prática profissional. Considerando isso, Freire aponta que é necessário que a luta política por melhores condições e por uma educação verdadeiramente democrática seja imprescindível, e que é possível articular essa luta por direitos com uma prática amorosa, sem abrir mão da **“formação científica séria e da clareza política dos educadores e educadoras.”**

Capítulo 3

Ensinar exige querer bem aos educandos

“ A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.”

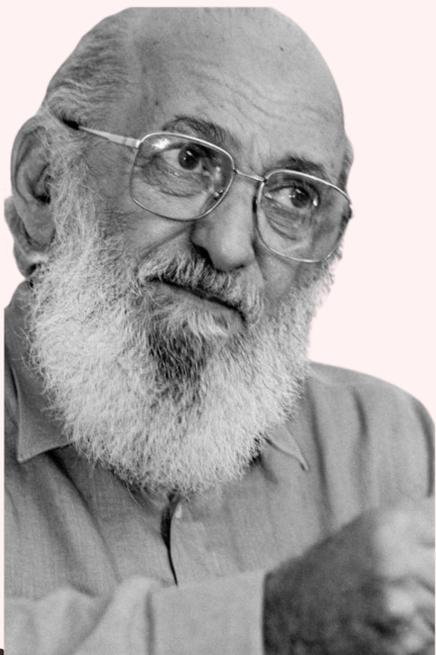
O autor destaca que é justamente o professor que constitui sua prática docente na permanência do hoje que tende a se reduzir a uma formação friamente tecnicista, já que assume um caráter fatalista diante dos fatos, seguindo o discurso neoliberal da “morte da história”



“... nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista... O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca.” “E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.”

Capítulo 3

Ensinar exige querer bem aos educandos



Não se trata de assumir um papel de terapeuta, mas, segundo o autor, o docente não pode negar a condição de abertura humana, a que demandam os educandos, muitas vezes, sem terem a quem mais recorrer.

“Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista.”



Capítulo 3

Ensinar exige querer bem aos educandos

Por fim, Freire enfatiza a falsa dicotomia entre competência e afetividade, trazendo um desfecho digno de um livro extremamente relevante para a formação docente progressista.

“Nem a arrogância é sinal de competência, nem a competência é causa da arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. GENTE MAIS GENTE.”



Referências



FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 76 pp.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Ed. 17ª, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 107 pp.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 439 p.



Autoras



Brenda Krishna
de Andrade Miranda



Clara Corrêa de
Souza Gavazza



Helena de Souza
Pereira



Jessyca
Rodrigues Silva



Pâmella Cristina Motta
Nery de Andrade



Stephanie Bittencourt
de Carvalho Souza



Vivian Alves
Teixeira

